

Breve Comentário sobre uma Coletânea de Cartas do Dr. Adolfo Konder

(por *Silviamélia*) (*)

Quando o dr. Adolfo Konder não mais conseguiu eleger-se para o Parlamento, sob a legenda da UDN, agremiação partidária que ajudou a fundar em Santa Catarina, e da qual foi Presidente, transferiu sua residência para o Rio de Janeiro. Ali, abriu um escritório de advocacia, à rua Rodrigo Silva, 34, 1.º andar que se tornou, desde então, um consulado catarinense sem subvenção dos cofres públicos. Para lá acorriam, freqüentemente, conterrâneos, amigos e correligionários, em busca de favores, de um conselho, de um pedido de emprego ou de uma carta de recomendação para algum político influente.

Naquela época estava muito em voga a epistolografia. Através das cartas se tratava de tudo, com espontaneidade e cunho pessoal. E o dr. Adolfo escreveu centenas delas sendo que muitas foram datadas de 1953 — 1955, quando governava Santa Catarina o Senhor Irineu Bornhausen. Esta preciosa coletânea hoje se encontra sob a guarda e preservação do nosso Arquivo Público, graças à dedicação do pesquisador Iaponan Soares de Araújo em boa hora colocado na direção daquele importante Órgão.

Do Rio, continuava a manter, em defesa dos seus ideais democráticos, com grande prejuízo financeiro, o jornal “Diário da Tarde” de sua propriedade. Não fosse a abnegação de alguns amigos que o ajudavam a agüentar o jornal, nada cobrando pelos serviços prestados, entre os quais citava: Ary Machado, Major Pedro Carneiro da Cunha, Tito Carvalho, Wanderley Júnior e outros, de há muito, já teria ido à falência. A gerência do jornal foi confiada ao seu particular amigo Ary Machado, homem bom, pacato e fiel, pouco entendido das lides jornalísticas e que nem sempre obedecia a linha de ação política traçada pelo dono daquele vespertino. De índole tímida, e influenciável, Ary aceitava a ingerência de alguns próceres ude-nistas na administração do Jornal, contrariando a orientação do seu dono. Insurgindo-se contra isto, passou o dr. Adolfo a escrever-lhe inúmeras missivas que fazem parte desta coletânea e que são objeto deste comentário. Através delas, ele exprimia, em linguagem áspera e autoritária, destoando do seu habitual estilo elegante, cortez e caprichado, o descontentamento e o inconformismo com essa situação, fazendo sentir que “só ele tinha

(*) — Do Conselho Estadual de Cultura e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

o direito de mandar no Jornal. Nem Partido, nem Governo que não dão um centil para sustentá-lo”.

Não admitia, também o controle sobre a matéria que enviava para publicação. Assim, estas cartas ora administrativas, ora políticas, representam, na sua totalidade, a maneira “sui generis” como dirigia o seu jornal à distância, preocupado para que nele “não se lavasse roupa suja política e não se tornasse uma folha de escândalos, escrita em calão mas sim um jornal de linguagem límpida e serena que se impusesse ao conceito dos homens de bem”. Sua luta era uma só: fazer o “Diário da Tarde” “porta-voz dos direitos, aspirações e queixas de todos os catarinenses”.

Quase sempre estas cartas vêm carregadas de críticas, censuras, reclamações, recomendações e até de ameaças como: “Ary, vai aqui o último aviso ou você publica os pedidos de informação do Wanderley sobre os processos de nacionalização em Santa Catarina ou entrega o “Diário da Tarde” ao Pedro Carneiro da Cunha” ou “publique já as crônicas do Faraco ou eu retiro o jornal da censura regional”.

Merecem citadas algumas ordens que bem revelam o político de atitudes firmes, correto, que não alimentava ódios nem vinganças. Entre algumas, destacamos a proibição de ataques a adversários políticos e à candidatura de Jorge Lacerda ao Governo do Estado que qualificava de “pretensão aluarada” pois não a apoiava por ser Heriberto “de fond en comble”.

Jornalista de larga experiência, pois militou na imprensa desde os bancos acadêmicos, tendo fundado e dirigido em sua terra natal, o jornal “Novidades” no qual defendeu com ardor, a campanha civilista em 1910 para eleger Rui Barbosa à Presidência da República, não tolerava as deficiências jornalísticas do seu jornal e por isso chamava a atenção para: erros gramaticais, de revisão, má redação, excesso de zumbaias ao Governo, sugerindo criação de novas seções para torná-lo mais atraente, mais interessante. Queixava-se outrossim: “compreendo a fobia que vocês têm das entrevistas. É o gênero jornalístico mais difícil e arriscado. Vocês preferem os comentários inócuos e o regime da gilete rapinante. Parece incrível que para colher notícias do Estado, eu tenha que recorrer do “Estado do Ju”.

Reveladora de um coração generoso e de requintada sensibilidade é a recomendação para que se publicasse, por tempo indeterminado e em destaque, a bula de um remédio descoberto em S. Paulo, explicando: “é a nossa contribuição para aliviar os males dos cancerosos”.

Cheia de conteúdo humano é a sua preocupação em não ferir um determinado autor catarinense que lhe enviara um folheto sobre observações astronômicas o qual ele havia perdido e por isso pedia ao prestimoso Ary que lhe conseguisse outro exemplar, “porque não queria que o ofer-

tante pensasse que não dera valor e apreço ao seu trabalho”.

Algumas decepções amargas, confessadas em tom magoado, escapam aqui e ali, de permeio com determinações enérgicas de se manter o “Diário” em nível elevado. Entre algumas, a que parece tê-lo mais ferido, foi a proibição do Governo à Imprensa Oficial de não mais compor matéria para o seu jornal. Mas a reação veio imediata sob a ordem: “de se comprar a linotipo do Padre Fontes para não se ficar escravizado ao Governo” e “não se viver mais no regime oficial”.

Os amigos, também, não foram esquecidos e assim surgem, de vez em quando, os pedidos de visitas em seu nome, quando hospitalizados e com a recomendação de ser notícia no jornal, bem como a de se fazer uma edição especial, por ocasião do aniversário do Brigadeiro Eduardo Gomes e pelos vinte anos de existência do jornal sob a ordem: “Procure fazer um número de arromba”.

E finalizando, não podemos deixar de registrar os insistentes pedidos de remessa dos “arys”, os cigarros de palhinha de sua predileção que o dedicado Ary sabia onde comprar e lhe enviava, via Varig, quando solicitados.

